

Moderados assumem o comando do Centrão e começam as negociações

Do Sucursal de Brasília

O primeiro teste real do Centrão, no plenário do Congresso constituinte, mostrou um grupo ainda majoritário mas dividido por razões políticas, ideológicas e até por idiossincrasias pessoais entre seus líderes. Sintomaticamente, esta última semana terminou num clima de negociação e entendimento que a Constituinte não vivia, pelo menos, desde outubro, quando o Centrão se formou.

O acordo interpartidário que permitiu a aprovação, quinta-feira passada, do preâmbulo e do Título I da nova Constituição, representou uma derrota para a face mais radical do Centrão, que tem nos deputados Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), José Lourenço (PFL-BA) e Amaral Netto (PDS-RJ) seus maiores símbolos.

Até no Centrão esta derrota foi comemorada. "Nós não estamos aqui para apostar no caos, e a tentativa de radicalização nos levará ao caos institucional e tornará a Constituição inconclusa", disse, na quinta, o deputado Afif Domingos (PL-SP). "Há necessidade de um entendimento para não descarrilar a Constituinte", acrescentou.

Quando o Centrão descobriu, na quarta-feira, que não tinha os 200 votos necessários para aprovar sua proposta de preâmbulo, operou-se uma discreta mas decisiva mudança no comando do grupo interpartidário. Saiu de cena o bloco de negociadores "metaleiros" do Centrão e entrou em seu lugar a ala "light" (esta tipologia é de um membro do próprio Centrão).

Esta mudança ficou clara na manhã de quinta-feira, no gabinete do deputado Ulysses Guimarães quando se costurou o acordo que seria votado à tarde. Pelo Centrão, participaram das negociações os deputados José Lins (PFL-CE), Bonifácio de Andrada (PDS-MG) e Luiz Andrade Ponte (PMDB-RS), e o acordo saiu rápido.

"Ninguém tem maioria para prevalecer sobre a minoria" disse sexta-feira, o deputado Euclides Scalco (PMDB-PR), vice-líder do PMDB na Constituinte. "O Centrão, que arrotava grandeza, também verificou isso", acrescentou.

Visivelmente contrariado, o deputado Roberto Cardoso Alves rejeitou, na quinta, a idéia de um processo de negociação permanente, nas votações em plenário. Admitiu no máximo que "o Centrão demonstrou que há um espírito aberto à negociação".

E não deu o braço a torcer nem para comentar o recuo do Centrão, quando o grupo aceitou o princípio da democracia direta na Constituição. "Acho demagogia, mas se a esquerda insiste tanto não me oponho", disse, quando o acordo já estava feito.

A principal razão para o fracasso do Centrão, na votação de quarta-feira, foi a perigosa identificação entre os objetivos do grupo e os do governo. Esta identificação atingiu o máximo na última semana, quando Cardoso Alves e José Lourenço deram declarações exigindo cargos do governo para o Centrão aprovar o mandato de cinco anos para Sarney.

Os membros do Centrão que são contra o governo rebelaram-se. E vários deles, pelo menos 20, votaram contra a orientação do grupo, quarta-feira. "Foi uma bela advertência", disse o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), um dos líderes do Centrão.

A esta divisão política, acrescentaram-se uma divisão ideológica e algumas rixas pessoais. A divisão ideológica ocorre entre a ala direita do Centrão e uma parcela ainda indefinível de seus 319 membros que não quer identificar-se com um grupo radical.

Há, finalmente, as pequenas vaidades e ressentimentos, inevitáveis em um grupo que oficialmente não tem líderes e toma decisões através de um difuso colegiado.